



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA**

**MÚSICA CANTADA COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO  
PARA CRIANÇAS AUTISTAS**

**São Paulo  
2022**

**MILENA ZAVARIZE DA SILVA**

**MÚSICA CANTADA COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO  
PARA CRIANÇAS AUTISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Fonoaudiologia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Fonoaudiologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Lucia Maria Guimarães Arantes.

SÃO PAULO

2022

**MILENA ZAVARIZE DA SILVA**

**MÚSICA CANTADA E VOZ MUSICAL COMO INSTRUMENTO  
TERAPÊUTICO PARA CRIANÇAS AUTISTAS**

**Banca Examinadora**

---

Orientadora Prof. Dra. Lucia Maria Guimarães Arantes

---

Parecerista Ma. Mariana Trenche de Oliveira

---

Prof. Dra. Ruth Ramalho Ruivo Palladino

SÃO PAULO

2022



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
BIBLIOTECA  
REPOSITÓRIO DIGITAL

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA

1 - Informações do Autor

Nome:	Milena Zavarize da Silva		
RA:	00224665	CPF:	465.603.638-21
E-mail:	milena.zava@hotmail.com		

2 - Informações do Trabalho

Nome do Curso	Fonoaudiologia		
Orientador:	Lucia Maria Guimarães Arantes		
Título:	MÚSICA CANTADA E VOZ MUSICAL COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO PARA CRIANÇAS AUTISTAS		
Nº de Páginas:	38	Data de Entrega ao Expediente da Faculdade/Curso	21/11/2022

3 - Informações de Acesso ao Documento

Autorizo a divulgação do trabalho completo no Repositório Digital (preenchimento obrigatório):

Sim  Não\*

\*Justificativa (motivos de não autorização):

--

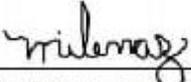
OBS.: Quando o trabalho for elaborado por mais de um aluno, deve-se preencher o termo de autorização individualmente.

4 - Licença e Permissão de Uso

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, de acordo com a lei nº 9610/98, autorizo, à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, o trabalho em meio eletrônico, no formato PDF, conforme permissão assinalada acima, para fins de leitura, impressão e/ou download pela Internet, a título de divulgação científica gerada pela Universidade.

Declaro que o conteúdo deste trabalho é correspondente ao original entregue para a homologação.

São Paulo      21 / 11 / 2022  
Local                      Data

  
Assinatura do Autor

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha orientadora Professora Dra. Lucia Arantes pela generosidade, paciência, confiança e amizade desde o início de meu percurso na graduação. Considero que este trabalho é fruto de minha admiração ao seu modo singular de clinicar, de conversas e interesses em comum que pudemos desenvolver a partir de uma relação cordial e enriquecedora durante as aulas, orientações, estágios e supervisões.

Agradeço à minha família pelo apoio, em especial, aos meus pais que me encorajam nas superações dos desafios, estando comigo nas conquistas e nos fracassos, proferindo sempre palavras de carinho e inspiração.

Sou grata à Mariana Trenche de Oliveira, parecerista deste trabalho, que dedicou seu precioso tempo para auxiliar-me de modo gentil e pontual.

Também agradeço à Professora Dra. Leslie Piccolotto Ferreira pela orientação em minha pesquisa de Iniciação Científica nos anos de 2020/2021. Seus ensinamentos prepararam-me para realizar a vigente pesquisa com sabedoria e bagagem.

Por fim, agradeço a todos os colegas que fiz durante o caminho e travessia que, em última análise, fizeram a vida valer a pena.

Quando se ouve boa música fica-se  
com saudade de algo que nunca se  
teve e nunca se terá.  
(Samuel Howe)

## RESUMO:

**Introdução:** A canção e a linguagem falada apresentam origens comuns, pois, no início, o dizer e o cantar se diferenciam apenas segundo suas qualidades melódicas (GODEGUEZI, 2021). Assim, faz-se necessário a clara admissão de que a fonte primitiva da produção tanto de sons, quanto de palavras pelos seres humanos parece ser comum – a voz, que, como a música, apresenta características melódicas e prosódicas que produzem efeitos sobre os seres humanos, sobretudo no que se refere aos bebês, quando usada de modo mediador na relação entre o *infans* e sua mãe. Diversas pesquisas sobre o desenvolvimento humano têm apontado para a existência de uma sensibilidade importante às qualidades musicais do meio presente em todo sujeito no início da sua constituição, incluem-se aí tanto os sujeitos chamados “típicos” quanto os que precocemente apresentam sinais de autismo. **Objetivo:** o trabalho visou a investigar os efeitos da música cantada sobre a linguagem de crianças com autismo, como instrumento terapêutico para os entraves do estabelecimento do laço social. **Método:** realizou-se uma revisão integrativa da literatura. Para o levantamento dos artigos, a busca foi realizada nas seguintes bases de dados: Scielo (Scientific Electronic Library Online) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). **Resultados:** Após a aplicação dos critérios de inclusão, a leitura dos títulos e resumos, então, 16 artigos foram eleitos para leitura na íntegra, dos quais 13 foram selecionados. **Discussão:** A pesquisa evidenciou a carência de trabalhos que utilizam a música cantada como dispositivo terapêutico na área da Fonoaudiologia. No âmbito da Psicanálise, toma-se a música cantada como um tratamento possível à relação específica do autista à presença vocal do Outro, pois, nela, está em jogo a expressão de uma subjetividade fora da fala Assim, concebe-se que este instrumento viabiliza um meio alternativo da criança autista “acordar”, de modo singular, para o simbólico, movimento necessário para que, de algum modo, haja a captura pela linguagem. **Conclusão:** todos os artigos selecionados atestaram a potencialidade da música cantada na possibilidade de enlace e no investimento na subjetividade em crianças que apresentam um grave comprometimento no laço com o outro, como nos casos de autismo. No âmbito da Fonoaudiologia, averiguou-se que a música é tomada como dispositivo que convida a criança ao campo simbólico e à linguagem, mas, frente a escassa

produção científica, faz-se necessário que sejam desenvolvidos mais trabalhos voltados para a importância da música cantada como instrumento terapêutico com crianças autistas.

**Descritores:** Fonoaudiologia, Autismo, Música, Musicoterapia, Linguagem Infantil

## **ABSTRACT**

**Introduction:** Song and spoken language have common origins, because, in the beginning, saying and singing signify a single thing that is differentiated by the mediation of affections and by the ease with which these can be expressed by one means or another, according to their quality. Thus, it is necessary to clearly admit that the primitive source of the production of both sounds and words by human beings seems to be common - the voice, which, like music, has melodic and prosodic characteristics that produce effects on human beings, especially as far as babies are concerned, when used in a mediating way in the relationship between infants and their mothers. Several researches on human development have pointed to the existence of an important sensitivity to the musical qualities of the environment present in every subject at the beginning of his or her development, including both the so-called "typical" subjects and those who show early signs of autism. **Objective:** this study aimed to investigate the effects of music on the language of children with autism, as a therapeutic tool, particularly for Speech Therapy, for the obstacles to the establishment of the social bond. **Method:** an integrative literature review was carried out. To survey the articles, the search was conducted in the following databases: Scielo (Scientific Electronic Library Online) and Virtual Health Library (BVS). **Results:** After applying the inclusion criteria, reading the titles and abstracts, then 16 articles were elected for reading in full, of which 13 were selected. **Discussion:** The research showed the lack of studies that use music as a therapeutic device in the Speech Therapy area, highlighting the areas of Psychology, Psychoanalysis and Music Therapy. In the field of Psychoanalysis, sung music is taken as a possible treatment for the specific relation of the autistic with the vocal presence of the Other, because in it, the expression of a subjectivity outside speech is at stake. Thus, it is conceived that this instrument enables an alternative way for the autistic child to "wake up", in a singular way, to the symbolic. **Conclusion:** all the selected articles attested to the potentiality of music in the possibility of bonding and investment in subjectivity in children who present a severe impairment in the bond with the other, as in cases of autism.

**Keywords:** Speech-Language-Hearing, Autism, Music, Music Therapy, Child Language

## **SUMÁRIO**

1 – INTRODUÇÃO.....	10
2 – OBJETIVO.....	18
3 – MÉTODO.....	19
4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
5 – CONCLUSÃO.....	34
6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

## 1 – INTRODUÇÃO

O termo música vem do grego musiké téchne, associado a moûsa, alusão à força artística das musas, personagens femininas da mitologia grega. Tal expressão abrangia também, em sua origem, a dança e a poesia, áreas cujo fator comum é o ritmo. A música é, junto à dança, uma das mais antigas formas de expressão. (PEREIRA, 2018).

Para Platão, a música tinha um lugar de destaque entre todas as artes: contava com Harmonia, Rhythmos e Logos. A Harmonia era o espaço organizado e regular entre os tons; o Rhythmos era o tempo musical, que compreendia o movimento (a animação pela emoção) e a dança; o Logos ligava o “melos” (palavra e tonalidade) ao sistema das anotações musicais gregas, mas também ao único ente capaz de fazer música, aquele que fala e, por esta razão, inscreve, no som físico, um pensamento e uma ética própria (PEREIRA, 2018).

Diferente das artes plásticas e da pintura, a música não pressupõe uma disposição técnica, bastando a espontaneidade do som percutido em seu corpo ou em qualquer objeto. Pereira (2018) afirma com Wisnik (1999) que a música pode ser compreendida como a criação artística e estética humana que se utiliza dos sons para manifestar os afetos, sentimentos e estados anímicos da vida. A percepção, manipulação e possível notação das alturas definidas pelas frequências e amplitudes da onda sonora podem ser consideradas uma atividade humana universal e fundamental no processo civilizatório.

O autor destaca a afirmação de Fonterrada (1994):

A experiência musical é fruto da prática, exercida por uma comunidade que compartilha das mesmas experiências, códigos e convenções, por estar imersa num mesmo contexto de significações. Pode-se afirmar, então, que a musicalidade é desenvolvida e a universalidade atingida a partir da prática, pelo uso

da linguagem musical, e pela comunicação entre os sujeitos pertencentes à mesma tradição musical. O homem que domina a linguagem musical habita a música do mesmo modo que habita o mundo, e dela não pode prescindir (FONTERRADA, 1994, não paginado).

Pereira (2018) segue acompanhando o destaque de Fonterrada (1994) ao aspecto fundamental ao assinalar que a experiência musical se dá em diálogo, tendo em vista um outro:

Há um movimento pelo qual a música se incorpora ao sujeito, e outro, em sentido contrário, em que o sujeito se coloca no lugar da experiência musical. Esse mesmo fenômeno ocorre também em relação aos sujeitos integrados à experiência de fazer música que, num certo momento, como que trocam de papéis, apresentando-se, então, como se fossem um só. Essa forma de estar na música e ter a música em si ocorre através do corpo, da voz, e do uso de instrumentos sonoros (aqui concebidos como extensões do corpo e da voz), e seu domínio não pode ser apreendido "a priori" pela consciência. (FONTERRADA, 1984, não paginado).

Entende-se, assim, que a música é elemento que vem mediar a realidade para o sujeito. A música implica a presença de um outro a quem se transmite algo. É uma relação entre o autor-intérprete e o ouvinte ali presente e entregue a todas as possíveis significações. (PEREIRA, 2018).

Cada cultura, ao longo da história, produziu sua música por meio de sistemas relacionais próprios determinados por métodos escalares modais ou tonais que, assim como as outras manifestações artísticas como a dança, a escultura ou a pintura, imprime uma identidade a um grupo humano e a um momento histórico, segundo seu conjunto de crenças, representações e apreensão simbólica do mundo (PEREIRA, 2018). Deste modo, é possível

argumentar que a música enquanto feito humano é produto e ao mesmo tempo agente do processo civilizatório compreendido como o desenvolvimento de uma cultura.

O autor recorre novamente à Wisnik (1989) para afirmar que a linguagem musical está presente no sujeito humano desde seus primórdios. Quando a criança ainda não foi capturada pela linguagem, mas já percebe seus efeitos e significados, a voz da mãe, com suas melodias e seus toques, é pura música, ou aquilo que depois continuaremos para sempre a ouvir na música: uma linguagem em que se percebe o horizonte de um sentido que, no entanto, não se discrimina em signos isolados, mas que só se intui como uma globalidade em perpétuo recuo, não verbal, intraduzível, mas, à sua maneira, transparente. (PEREIRA, 2018)

É possível, neste momento, estabelecer um paralelismo entre a afirmação de Wisnik (1989) e os achados de Sousa et al., (2019). Em sua pesquisa, estes autores apresentam diversos trabalhos que retratam sobre o desenvolvimento humano que apontam para a existência de uma sensibilidade importante às qualidades da música cantada presente em todo sujeito no início do seu desenvolvimento, reafirmando as citações do autor citado acima. Entretanto, Sousa et al (2019) incluem em seus achados tanto os sujeitos de desenvolvimento típico quanto os que precocemente apresentam sinais de autismo. A autora observara também que, mesmo que não respondessem a qualquer convocação dos pais, as crianças autistas eram capazes de responder a uma convocação com determinadas características rítmicas e melódicas. Os autores se baseiam na pesquisa de Lerner (2011) o qual afirmou que não foram encontradas diferenças significativas entre a capacidade de crianças autistas e de crianças com desenvolvimento típico de responderem ao manhês até 1 ano de idade. Laznik et al (2005) propõem a ideia e que a musicalidade da voz pode

favorecer uma conexão com crianças que apresentam grave comprometimento no laço com o outro, como no caso do autismo<sup>12</sup>.

Desse modo, neste trabalho, o foco central é a música cantada como instrumento terapêutico na terapia de linguagem. Adota-se, como perspectiva teórica, aquela desenvolvida no Grupo de Pesquisa Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem. Os pesquisadores deste grupo se afastam de um modelo tradicional vigente na Fonoaudiologia, em que as alterações de fala são vistas a partir de um pensamento causalista de viés organicista e o tratamento voltado para a correção de “defeitos na fala”, para conceber a Clínica de Linguagem (LIER-DEVITTO e ARANTES, 2006). Desse modo, entende-se aqui que estruturação da linguagem e constituição subjetiva são processos solidários, conforme propõe De Lemos (1992, 2002, 2006, entre outros) no campo da Aquisição da Linguagem e Lier-DeVitto (2001, entre outros), pesquisadora que desdobrou as ideias de De Lemos para refletir sobre falas sintomáticas e instituiu a Clínica de Linguagem. Assim, inicialmente, discutiremos o papel da música na constituição subjetiva do sujeito e em seu encontro com a linguagem, a partir da relação da mãe-bebê.

Para situar a questão no âmbito da psicanálise tomaremos por base o estudo de Godeguezi (2021), que teve como objetivo buscar uma articulação entre as propriedades sonoras e musicais da voz presentes nos fenômenos do manhês<sup>3</sup> e do acalanto com os primeiros laços estabelecidos na relação mãe/bebê. O autor analisou a produção psicanalítica a respeito do assunto no intuito de compreender como os elementos sonoro-musicais incidem no

---

<sup>1</sup> Descartou-se a possibilidade do uso dos termos Transtorno do Espectro Autista (TEA) e F84 pois entende-se que estes produzem certa generalização incompatível com a visão desta pesquisa. (AGUIAR, 2016). Em contraponto a essa perspectiva, a psiquiatria positivista contemporânea – guiada pelos pressupostos indicados nos Manuais Diagnósticos e Estatísticos de Transtornos Mentais (DSM), que a partir da terceira versão rompem com o ecletismo de saberes em prol de uma abordagem que prioriza estudos epidemiológicos e dados estatísticos para atingir uma suposta objetividade – concebe o autismo como uma síndrome, cuja particularidade evidencia uma lógica que elimina qualquer dimensão de aquisições adaptativas e caracteriza-se por déficits significativos em várias áreas do desenvolvimento, especialmente na comunicação (Azevedo e Nicolau, 2017).

<sup>2</sup> O termo Autismo vem do grego “autos” que significa em si mesmo e faz referência a um sujeito retraído que evita qualquer contato com o mundo exterior e que pode chegar inclusive ao mutismo.

<sup>3</sup> O manhês é definido como um modo especial de fala materna dirigida ao bebê, com características peculiares em relação à sintaxe (tamanho das frases e repetições), léxico (simplificação morfológica e multifuncionalidade de palavras) e aspectos dinâmicos de prosódia (tom de voz mais agudo, velocidade lenta, supressão de letras e alongamento de vogais) (Godeguezi, 2021).

processo de erotização e na instauração de um circuito pulsional<sup>4</sup> que possibilitará o surgimento das primeiras relações objetais, utilizando para isso a obra de autores clássicos e contemporâneos da psicanálise.

Em seu trabalho, Godeguez (2021) relata que para Rousseau (1781/1999), a canção e a linguagem falada teriam origens comuns, pois, no início, o dizer e o cantar seriam uma única coisa que se diferenciam pela mediação dos afetos e pela facilidade de estes serem expressos por um meio ou outro, segundo sua qualidade melódica. Em sua obra “Ensaio sobre a origem das línguas”, o autor propõe que a música comunica direta e veementemente nossos afetos, propalando o discurso de que “música é a linguagem das emoções”. Deste modo, uma língua que tivesse apenas articulações seria capaz de transmitir ideias, no entanto para transmitir imagens e sentimentos, seria preciso “ritmos e sons, isto é, uma melodia” (1781/1999, p.304).

O autor prossegue, acompanhando Freud em uma passagem conhecida do texto *O Moisés de Michelangelo* (1914/2013), no qual anunciou que diferentemente da pintura e da escultura, a contemplação musical não atraía seu interesse, pois, no caso da música, o incomodava o fato de não poder explicar o porquê dos efeitos anímicos que esta lhe causava (FREUD, 1914/2013). Os sons vinculados em sistemas melódicos ou harmônicos têm o efeito de provocar emoções e, diferentemente de outros tipos de arte, não se pode explicar esse efeito da música tão facilmente, porque os sons, à priori, não compartilham uma mensagem. Na música, há algo que excede o domínio do significante (GODEGUEZI, 2021).

Embora seja impossível reduzir música à linguagem verbal, se faz necessário a clara admissão de que, assim como sugere Rousseau, a fonte primitiva da produção tanto de sons, quanto de palavras pelos seres humanos parece ser comum – a voz. A fim de explicitar os pontos condizentes entre os

---

<sup>4</sup>Pulsão, para a psicanálise, refere-se às tensões que se encontram na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico (MORO, 2010). A autora descreve que, para Lacan (1985), toda pulsão é parcial, e define outras duas como fundamentais na tomada do desejo pelo sujeito através do Outro: a pulsão escópica (cujo objeto seria o olhar) e a pulsão invocante (cujo objeto seria a voz). Laznik (2004) marcou os três tempos no circuito pulsional: 1) Primeiro tempo: pulsão oral na qual o bebê vai em busca do objeto oral (seio ou mamadeira) para apoderar-se dele; 2) Segundo tempo: no qual o bebê tem atividade auto-erótica (chupar seu dedo, sua mão ou uma chupeta); 3) Terceiro tempo: no qual ocorre o assujeitamento da criança a um Outro, que se tornará o sujeito da pulsão do bebê.

elementos voz e a música cantada, ressalto aqui que há em ambos, características melódicas e prosódicas que produzem efeitos sobre os seres humanos.

Considerada como um dos primeiros meios de estabelecimento da relação com o outro, carregando em si a possibilidade de diferenciação, a voz é usada como via régia do encontro do outro materno que fala ao bebê, como meio de manifestação do bebê com gritos e balbucios, servindo de veículo às palavras que dão sentido a estas manifestações *do infans*<sup>5</sup>, como algo que instaura uma primeira relação dual onde há, ainda que imaginariamente, um diálogo entre mãe e criança. Essa voz advém como uma experiência primária que direciona um investimento libidinal no bebê em forma de música, mas que também o atinge enquanto linguagem. Se no início da vida não podemos ser afetados pelas palavras, pois estas ainda carecem de sentidos para o *infans*, o oposto parece acontecer quando se trata do som da música materna, ou seja, das gradações melódicas da fala manhês que a mãe cria ao se dirigir ao bebê. (GODEGUEZI, 2021).

Sendo a música algo tão característico e importante para o desenvolvimento cultural dos grupos humanos, se faz necessário considerar que também está presente como subsídio fundamental no processo de estruturação subjetiva e das possibilidades de interação com o mundo. O manhês é definido como um modo particular de fala materna dirigida ao bebê, com características singulares em relação à sintaxe, como o tamanho das frases e repetições, léxico, apresenta simplificação morfológica e multifuncionalidade de palavras, e aspectos dinâmicos de prosódia, o tom de voz mais agudo, velocidade de fala lenta, supressão de letras e alongamento de vogais. Tais alterações na fala de quem exerce o papel materno são características que atraem os bebês, fazendo com que interajam a partir de vocalizações e movimentos, algo que não acontece quando se fala com o bebê “normalmente” (CATÃO, 2008).

Vorcaro (2002), em seu artigo “Linguagem maternante e língua materna: sobre o funcionamento linguístico que precede a fala” apresenta os avatares constituintes de uma primeira matriz simbolizante no laço que ata a criança ao

---

<sup>5</sup> *Infans* - aquele que ainda não fala. (VIVES, 2009).

Outro<sup>6</sup> primordial, prévia à matriz propriamente simbólica. A autora apresenta as divergências dos conceitos Linguagem maternante e Língua materna, apontando, respectivamente, o primeiro como a linguagem relacionada ao laço primário que ata o bebê à sua mãe e o segundo como a língua do país natal, língua nativa de um falante, ou seja, a língua na qual a mãe foi interditada.

Em seus efeitos sobre o organismo, a Linguagem maternante fundaria no bebê uma matriz simbolizante, entendida como funcionamento significativo mínimo implantado no organismo, fazendo leito para o posterior funcionamento da língua por meio da relação temporal que a autora apresenta como “embalar andante”. Essa hipótese visa ressaltar a possibilidade de esse registro temporal ser eixo estruturante do campo simbólico, com função de escansão na cartografia corporal operada pelo cuidador da criança (VORCARO, 2002).

Ao que conta particularmente a este trabalho, as alterações prosódicas e melódicas características deste tipo de fala especial endereçada ao bebê através da voz materna, mesmo antes de ele possuir qualquer tipo de linguagem, são portadoras de musicalidade. É no aspecto prosódico do *manhês*<sup>7</sup>, com seu pitch mais agudo, alongamentos exagerados de vogais e alterações de altura tonal que o constituinte melódico aparece e parece representar algo de afetuoso da mãe dirigido à criança. Em seu trabalho, Lucero et al (2021) expõem a afirmação de Didier-Weill (1999, p. 66) “[...] quando canta a voz, é imediatamente a voz do Outro que, através do sujeito, se faz ouvir”. Desse modo, quando se canta para uma criança, revive-se inconscientemente a transmissibilidade do simbólico em jogo na voz materna.

Catão (2008), embasando-se nas pesquisas empíricas de psicolinguístas, assinala que o bebê recém-nascido suga de forma intensa uma chupeta quando ouve a voz de sua mãe falando com ele. Isto acontece antes mesmo que ele

---

<sup>6</sup>Essa noção de "grande Outro" é concebida como um espaço aberto de significantes que o sujeito encontra desde seu ingresso no mundo; trata-se de uma realidade discursiva de que Lacan fala no Seminário 20; o conjunto dos termos que constituem esse espaço remete sempre a outros e eles participam da dimensão simbólica margeada pela do imaginário.

<sup>7</sup> No que tange à aquisição de linguagem, os trabalhos sobre “*manhês*” apresentam problemas epistemológicos importantes, como mostrou De Lemos (1986). Entretanto, nesta pesquisa o foco está na leitura empreendida por psicanalistas desse mesmo acontecimento que privilegia a musicalidade da voz materna.

tenha consumido o leite materno, o que significa, antes que tenha ocorrido qualquer satisfação da necessidade de alimento por meio da boca.

Além das gradações sonoras presentes na fala da mãe dirigida ao bebê, a música também se mostra presente no início da vida através do acalanto. As típicas canções de ninar usadas para embalar a criança e sua característica melódica doce<sup>8</sup> parecem ser algo que afeta o bebê de maneira cativante, apesar de suas letras terroríficas que, ainda em um momento pré-verbal da vida, não parecem oferecer risco algum ao calor musical e aconchegante do colo materno (GODEGUEZI, 2021).

No que tange à produção psicanalítica, as publicações a respeito do som e da música se mostram incipientes se comparadas a outros elementos como o olhar e a palavra. Entretanto, é possível encontrar em autores clássicos como Lacan e Winnicott considerações interessantes sobre a importância dos elementos sonoro-musicais veiculados pela voz no contexto de uma relação primária com o outro, seja por uma perspectiva do “amadurecimento emocional”, seja pela “constituição do sujeito”.

Como se vê, pesquisas no Campo da Psicanálise têm apontado para a potência da música na constituição subjetiva de crianças com entraves importantes no laço social. Entretanto, restou-nos saber se no campo da Fonoaudiologia produz-se trabalhos que utilizam deste mesmo instrumento como possibilidade de intervenção e, sobretudo, que apresentam um olhar integral para a subjetividade desses sujeitos.

---

<sup>8</sup> De um modo geral, as canções de ninar entoadas pelas mães se constituem como uma melodia simples. Porém, quando se faz uma análise da harmonia que serviria de sustentação para a melodia se observa uma grande simplicidade que geralmente obedece às formas mais básicas do campo harmônico (alternância de acordes em I, IV, V ou I, II, V). As canções, em sua maioria, apresentam tom maior, mas, apesar de menos frequentes, também existem várias canções em tom menor. O ritmo não possui grande complexidade apresentado geralmente figuras musicais simples, no máximo pontuadas. Os compassos geralmente são quaternários ou binários simples, embora apareçam ternários com alguma frequência e compostos também (GODEGUEZI, 2021).

## **2 – OBJETIVO**

Considerando o que vimos até aqui, o objetivo deste trabalho foi investigar os efeitos da música cantada como instrumento terapêutico sobre a linguagem de crianças com autismo e sua influência para os entraves no laço social. Coube-nos também averiguar as produções sobre este tema no campo da Fonoaudiologia, a fim de constatar se este instrumento tem sido utilizado na prática clínica e apontar questões que possam ser investigadas em estudos futuros.

### 3 – MÉTODO

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Este método tem como objetivo<sup>9</sup> reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um tema delimitado ou questão, de maneira sistemática e ordenada, favorecendo o aprofundamento do conhecimento do objeto em questão.

Inclui a análise de pesquisas relevantes que dão suporte para a tomada de decisão e a melhoria da prática clínica, propiciando a síntese do estado do conhecimento de um determinado assunto, além de apontar lacunas que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos.

O processo para a prática deste tipo de revisão ocorre em seis etapas:

1. Identificação do tema e apuração da questão da pesquisa; 2. Definição de critérios de inclusão e exclusão; 3. Identificação de estudos pré-selecionados: título, leitura de resumo, palavras-chave dentro dos critérios de inclusão e exclusão; 4. Classificação dos estudos selecionados; leitura na íntegra; 5. Análise e interpretação; 6. Apresentação da revisão.

A pergunta norteadora da pesquisa foi: “Quais os efeitos da música cantada como instrumento terapêutico sobre a linguagem de crianças com autismo?”. A partir desta questão, o trabalho também visou averiguar se a música cantada é utilizada como instrumento terapêutico na prática clínica fonoaudiológica com crianças autistas.

Para a definição dos descritores, realizou-se a consulta no vocabulário estruturado de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Foram selecionados os seguintes descritores e seus correlatos na língua portuguesa: Fonoaudiologia, Autismo, Música, Musicoterapia e Linguagem Infantil; a busca foi realizada no formato intersecção com o conectivo and, e artigos dos últimos dez anos foram selecionados (visto que são poucas as publicações dos últimos cinco anos sobre este tema).

---

<sup>9</sup> Sobre isto, ver: Mendes et al (2008).

As bases de dados utilizadas para o levantamento dos artigos na literatura foram: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e Scielo (Scientific Electronic Library Online).

A procura nos bancos de dados foi realizada nos meses de julho e agosto do ano de 2022. Nessas bases de dados, foram encontrados 326 artigos publicados, os quais foram analisados por meio da leitura exploratória<sup>10</sup>, em uma abordagem qualitativa<sup>11</sup>.

Este tipo de pesquisa pode ser explicado a partir de suas características: sua grande flexibilidade e adaptabilidade. Ao invés de utilizar instrumentos e procedimentos padronizados, a pesquisa qualitativa considera cada problema objeto de uma pesquisa específica para a qual são necessários instrumentos e procedimentos específicos<sup>12</sup>.

Retiraram-se trabalhos duplicados e aqueles não considerados artigos científicos, totalizando 42 resultados. A etapa seguinte de seleção dos trabalhos acadêmicos foi feita pela leitura dos títulos, incluindo-se as pesquisas que versavam sobre crianças com Autismo e o uso da música como instrumento terapêutico.

Aqueles cujos títulos não se adequaram nesta revisão foram excluídos. Na terceira etapa, os trabalhos foram selecionados após a leitura dos resumos, em que foram observados os mesmos critérios da análise da etapa anterior referente à população, ou seja, que a amostra fosse composta por crianças autistas. No quadro 1 foram organizadas as etapas do processo. Por fim, a quarta etapa definiu os artigos incluídos, os quais foram lidos na íntegra, buscando pelos que respondessem à pergunta da pesquisa.

---

<sup>10</sup> Se constitui em uma leitura rápida cujo objetivo é verificar se as informações e/ou dados selecionados interessam de fato para o estudo; requer conhecimento sobre o tema, domínio da terminologia e habilidade no manuseio das publicações científicas (LIMA e MIOTO, 2007).

<sup>11</sup> Os estudos qualitativos se caracterizam como aqueles que buscam compreender um fenômeno em seu ambiente natural, onde esses ocorrem e do qual faz parte. Para tanto o investigador é o instrumento principal por captar as informações, interessando-se mais pelo processo do que pelo produto. As informações ou dados coletados podem ser obtidos e analisados de várias maneiras dependendo do objetivo que se deseja atingir. Num estudo qualitativo a busca por dados na investigação leva o pesquisador a percorrer caminhos diversos, isto é, utiliza uma variedade de procedimentos e instrumentos de constituição e análise de dados. Os instrumentos para constituição de dados geralmente utilizados são: questionários, entrevistas, observação, grupos focais e análise documental (Kripka et al., 2015).

<sup>12</sup> Günther, 2006.

Os critérios de inclusão estabelecidos para a pesquisa foram: artigos originais com acesso ao texto completo, crianças, diagnóstico de Autismo, estudos observacionais, experimentais e de revisão, que discorrem sobre a música como intervenção no tratamento clínico, sendo priorizado o âmbito da clínica fonoaudiológica.

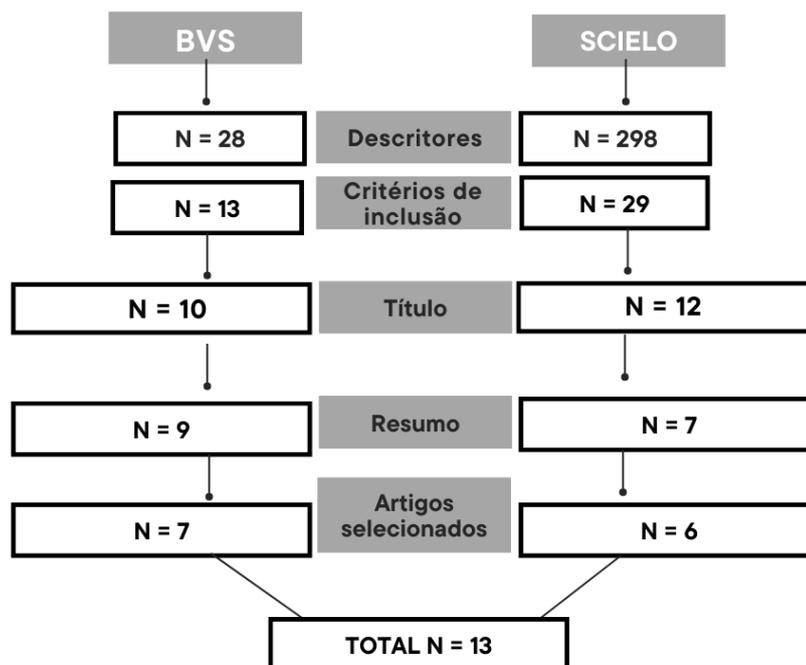
Por tratar-se de um estudo de revisão da literatura, não se fez necessária a aplicação da certificação ética.

#### 4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, na pesquisa realizada com data limite (julho e agosto de 2022), identificou-se um total de 326 artigos para análise, disponíveis no momento das seleções (Quadro 1). Destes, 42 restaram após a aplicação dos critérios de exclusão. Os artigos foram selecionados por título, resultando em 22 estudos para posterior leitura de resumo. Após a leitura dos resumos, então, seguiram somente 16 artigos elegidos para leitura na íntegra, dos quais 13 trabalhos finais foram selecionados.

A extração de dados foi realizada a partir da construção de uma tabela com as principais informações dos estudos. Os artigos selecionados para esta revisão, de acordo com os critérios estabelecidos para inclusão, encontram-se descritos na tabela 1.

**Quadro 1 – Organograma**



Fonte: Autor (2022)

**Tabela 1 – Apresentação dos artigos**

<b>TÍTULO</b>	<b>ANO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>CONTRIBUIÇÕES</b>
<b>Sobre o que Ressoa e Faz Eco: Voz, Música e Lalíngua no Tratamento do Autismo.</b>	2020	- Beatriz Alves Viana - Kemylle Mesquita Brito - Luis Achilles Rodrigues Furtado	A pesquisa discute a articulação entre os conceitos psicanalíticos de lalíngua e de voz, pensados a partir da clínica com sujeitos autistas. Investiga de que formas essas noções teóricas podem indicar uma direção de tratamento no autismo a partir da música cantada. Aborda a musicalidade da voz materna e seu papel de invocação da criança, além dos impasses da criança autista quanto à alienação aos significantes provenientes do Outro, sentidos como invasivos. A pesquisa constata que a introdução da musicalidade na clínica com esses sujeitos surge como possibilidade de deixar suas marcas, por se tratar de um elemento que permite mediação no âmbito da enunciação.
<b>Réson: Ruído, ressonância e razão significativa na clínica psicanalítica.</b>	2021	Luis Achilles Rodrigues Furtado	O trabalho constitui uma investigação teórico-clínica no campo da psicanálise, com referência à experiência de extensão numa universidade brasileira, aborda a questões de voz, fala e suas articulações com conceitos provenientes do campo da teoria musical. Sob uma leitura da Psicanálise lacaniana, o artigo enfatiza a importância clínica da dimensão musical da linguagem na constituição subjetiva e no enquadramento da voz como medida protetiva contra a invasão do Outro que alguns sujeitos autistas sentem como ameaça.
<b>Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial.</b>			A pesquisa teve como objetivo relatar a experiência da aplicação da música como tecnologia de cuidado a crianças autistas em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil. Trata-se de um projeto de intervenção baseada na ação-reflexão-ação, ideia problematizadora de Paulo Freire, que é formada por etapas que, articuladas entre si, traçam um caminho eficaz com objetividade e critérios, quais sejam: diagnóstico da realidade, teorização e aplicação na realidade. Segundo os autores, a intervenção musical favoreceu e orientou novas experiências lúdicas, sensoriais, motoras, de linguagem e de interação de crianças com autismo. Por fim, destacou-se a importância do aprofundamento e desenvolvimento dos

			profissionais em conhecimentos sobre métodos e estratégias do uso da música terapêutica em saúde mental, a fim de ampliar a sua utilização no cuidado a essas crianças, e avaliar os efeitos dessa intervenção.
<b>A função constitutiva da voz e o poder da música no tratamento do autismo.</b>	2021	- Ariana Lucero - Jean-Michel Vivès - Fernanda Stangerosi	Sob o olhar da psicanálise, este artigo parte da experiência de pesquisa sobre o tratamento em grupo de crianças autistas, a fim de refletir acerca da presença de mais de um analista no <i>setting</i> . Destaca que a interação entre os analistas favorece uma abordagem não diretiva, permitindo à criança que ela se aproxime espontaneamente, sem ser forçada a um contato que pode ser sentido como extremamente angustiante pelo autista. Constatam-se os efeitos da voz como suporte para os próprios interventores, que dialogam, brincam e cantam músicas entre eles. Foram utilizadas canções populares como objetos de mediação, e o tratamento a partir de uma solução que surgiu do próprio sujeito, que, antecipado neste ato, pode ouvir a invocação para advir.
<b>“Acordar” para o simbólico: uma investigação psicanalítica sobre os efeitos de um ateliê musical para crianças com transtornos globais do desenvolvimento (TGD).</b>	2019	- Karen Regina Pinto Sousa - Alexandra Avelar Tavares - Júlia Maciel Soares-Vasques - Mae Soares da Silva - Sandro Rodrigues Marina Batista - Adrienne Prazeres	O trabalho visou acompanhar os efeitos de um ateliê musical sobre um grupo de crianças com Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD). Trabalhou-se com a hipótese de que a atenção às propriedades musicais pode favorecer o desenvolvimento da linguagem e enlaçamento social nesses casos. A partir de recortes clínicos construídos à luz do método psicanalítico, a pesquisa discutiu as possibilidades de uso da música cantada como instrumento de intervenção e a maneira pela qual esta atrela-se à psicanálise e pode favorecer o surgimento do sujeito.
<b>A dimensão musical de <i>lalíngua</i> e seus efeitos na prática com crianças autistas.</b>	2017	- Beatriz Alves Viana - Luis Achilles Rodrigues Furtado - Camilla Araújo Lopes Vieira - Adeline Annelyse	O artigo resulta da experiência com autistas em uma extensão universitária articulada à rede de saúde mental e a um serviço de psicologia. Investiga a relação do conceito Lacaniano <i>lalíngua</i> com a música, estabelecendo suas contribuições à clínica do autismo. Utilizaram-se relatos de experiência de profissionais e trabalho no grupo de extensão. A relação de <i>lalíngua</i> com a música cantada é apresentada a partir da consideração dos jogos

		- Marie Stervinou	rítmicos de presença e ausência do som no decorrer do tempo que trazem elementos marcantes à própria constituição do sujeito, situando-nos diante de uma diacronia, também presente em <i>lalíngua</i> . Com isso, os autores descrevem como o estudo desse conceito os auxiliou na compreensão da relação primordial do sujeito com o Outro, especialmente no autismo.
<b>Contribuições da noção de pulsão invocante à clínica do autismo e da psicose</b>	2016	- Tiago de Moraes Tavares de Lima - Rogério Lerner	O trabalho investiga os efeitos de uma oficina de música em crianças com quadros de autismo e psicose. Realiza uma revisão bibliográfica sobre os temas da voz, da musicalidade na relação da criança com o outro e da constituição subjetiva, em especial em torno da noção de pulsão invocante. A partir de registros e análise de dois excertos da oficina, realiza-se a hipótese sobre como a atenção à dimensão da surpresa por meio da música pode contribuir para a clínica do autismo e da psicose.
<b>O ritmo como questão nas manifestações verbais singulares do autista</b>	2012	- Glória Maria Monteiro de Carvalho	Partindo da proposta de que a música, em sua dimensão rítmica, possibilitaria, de forma singular, a produção e circulação de significantes nas verbalizações da criança com diagnóstico de autismo, a pesquisa utilizou-se de sessões gravadas em vídeo - de um menino autista com sua terapeuta - das quais os autores recortaram alguns episódios que exemplificam manifestações rítmicas do menino. Por sua vez, concluiu-se que tais manifestações apontaram para a hipótese de que a descontinuidade do ritmo da música constituía um meio inicial, primitivo, de inscrição singular do significante no corpo da criança.
<b>Contribuição da musicoterapia no transtorno do espectro autista: revisão integrativa da literatura</b>	2021	- Francisca Vieira de Oliveira - Marly Marques Rêgo Neta - Juliana Macêdo Magalhães - Adélia Dalva da Silva Oliveira	A pesquisa averiguou, através de uma revisão integrativa da literatura, as evidências científicas sobre a contribuição da musicoterapia como intervenção no tratamento da criança autistas. Em seus resultados, doze artigos evidenciaram o valor da música e o seu papel como recurso terapêutico em crianças. Desse modo, analisou doze estudos que enfatizam o uso da musicoterapia como ferramenta de tratamento no Autismo. Destacou, de modo fragmentado, que onze estudos descrevem a forma significativa na melhora do “quadro clínico e/psicológico” de crianças com autismo, ao

		- Fernanda Claudia Miranda Amorim - Claudia Maria Sousa de Carvalho	proporcionar melhora na comunicação e na socialização.
<b>A Musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica</b>	2015	- Renato Tocantins Sampaio - Cybelle Maria Veiga Loureiro - Cristiano Mauro Assis Gomes	Com base nos estudos em neurociências, o estudo apresenta a estruturação do sistema nervoso e seu funcionamento em pessoas com desenvolvimento global típico e atípico, articulando seus achados com o processamento da música pelo sistema nervoso enquanto estímulo percebido e ação no mundo. Justifica que a integração destes conhecimentos na prática clínica musicoterapêutica pode fornecer novas explicações sobre o modo pelo qual o uso terapêutico da música promove melhoras da saúde, bem como subsidiar o desenvolvimento de novas abordagens clínicas de tratamento, avaliação diagnóstica e avaliação do processo terapêutico. O artigo apresenta tal fundamentação para terapia com foco na melhora da comunicação não-verbal e da interação social de crianças e adolescentes com Autismo.
<b>Contribuições da musicoterapia para a psicoterapia infantil</b>	2021	- Julio Cesar Pinto de Souza - Carlos Justino Ferreira Neto - Josenira Catique Pereira	No contexto de psicoterapia infantil, o estudo aborda a musicoterapia como técnica cujo objetivo é fornecer bem-estar e qualidade de vida aos pacientes, e pode auxiliar no tratamento e intervenção, “promovendo” desenvolvimento de crianças em tratamento clínico ou no acompanhamento psicoeducacional. O objetivo foi discutir a prática da musicoterapia no atendimento psicológico de crianças diagnosticadas com Autismo e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Trata-se de um estudo bibliográfico de abordagem qualitativa que se utilizou de artigos no idioma português, indexados nas bases de dados Google Acadêmico, Scielo e Pepsic. Como resultados, constatou-se que a musicoterapia oferece uma melhoria no processo de ensino-aprendizagem quando utilizada nos atendimentos terapêuticos, auxiliando o psicólogo nas intervenções psicoterápicas com crianças a partir da criação de um espaço lúdico

			que promove desenvolvimento de habilidades de comunicação, socialização, bem como nas funções cognitivas e emocionais, por meio da música.
<b>Música e invocação: uma oficina terapêutica com crianças com transtornos de desenvolvimento</b>	2012	- Tiago de Moraes Tavares de Lima	A presente pesquisa visa acompanhar os efeitos de uma oficina de música sobre um grupo de crianças com transtornos de desenvolvimento. O objetivo foi estabelecer algumas hipóteses sobre os efeitos que a atenção à dimensão da musicalidade pode fornecer sobre esses casos. O trabalho toma como base diversas pesquisas que constataram, na primeira infância, a presença de uma relação do bebê com o outro, cuidador, da qual é possível depreender certas qualidades musicais. Além disso, pela via da psicanálise, é desenvolvida a tese de que a voz e a música podem ser abordadas como uma porta de entrada para a relação arcaica entre o sujeito e o Outro, apresentando a noção de pulsão invocante termo cunhado por Jacques Lacan, mas aprofundado principalmente por autores posteriores. O artigo levantou a consideração sobre a importância da musicalidade da voz, bem como da sincronia temporal na relação entre o <i>infans</i> e o outro, para a constituição do sujeito. Coloca-se a questão de se, em primeiro lugar, em casos de psicose e autismo a sensibilidade à musicalidade está preservada e, em segundo lugar, se uma intervenção terapêutica pela via da música produziria efeitos positivos na qualidade do laço social estabelecido por essas crianças. Os resultados obtidos na pesquisa alinham-se com os de outras pesquisas que mostram que a sensibilidade ao manhês e à musicalidade apresenta-se preservada em casos de autismo.
<b>Da vibração ao encontro com o outro: psicanálise, música e autismo</b>	2017	- Marina Batista de Souza - Mae Soares da Silva - Sandro Rodrigues - Alexandra Avelar Tavares - Karen Souza	O estudo parte do princípio de que o ritmo permeia a estruturação psíquica, e investiga os efeitos de um ateliê musical como formador de laço entre crianças autistas e seus semelhantes. O ateliê, com encontros semanais, foi formado por crianças de dois a quatro anos. Participaram psicólogas, psicanalistas, uma professora de música, uma fonoaudióloga e estudantes de psicologia da Universidade Ceuma.

		- Socorro Santos	Os resultados foram descritos por meio de um estudo de caso, discutido sob o referencial da psicanálise. Os autores concluem que a linguagem musical pode auxiliar no estabelecimento de vínculos, sendo esta linguagem não ameaçadora e intrusiva.
--	--	------------------	---

Fonte: Autor (2022).

Entre os anos de publicação (2012-2021), destaca-se o ano de 2021 (31%) com o maior número de publicações sobre a problemática. Os anos de 2015 (8%), 2019 (8%) e 2020 (8%) apresentam o menor número de publicações, com a mesma porcentagem. Dos artigos apurados para compor este trabalho, seis foram selecionados pela plataforma Scielo e sete pela Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). No entanto, alguns foram compartilhados entre duas bases diferentes. Para que esse fato não alterasse a amostra, estes artigos foram contabilizados apenas uma vez.

Dentre os artigos incluídos nesta revisão, 8 (62%) foram artigos experimentais que salientaram a potência do uso da música cantada como agente facilitador na intervenção em grupo, 4 (31%) foram artigos de revisão bibliográfica e apenas 1 (7%) artigo experimental relatou uma intervenção individual.

O número amostral total dos estudos foi de 25 indivíduos, com variação entre 1 e 7 integrantes por estudo. Quanto à idade dos indivíduos com diagnóstico de autismo, destaca-se que um dos critérios de seleção do artigo foi a inclusão de apenas crianças na amostra da pesquisa. Sendo assim, as idades variaram de 2 a 9 anos.

Todos os estudos averiguaram os efeitos da música cantada na terapia com crianças autistas, entretanto, sob perspectivas diferentes. A leitura exploratória dos artigos experimentais e de revisão bibliográfica que fazem parte desta revisão integrativa evidenciou que dos treze trabalhos selecionados, dez retrataram as experiências dos efeitos da música em terapia com crianças autistas sob o viés da Psicanálise, um artigo baseou-se na ideia de ação-reflexão-ação da Pedagogia Problematizadora proposta por Paulo Freire, e dois trabalhos foram abordados sob o olhar da Neurociência.

Para a realização da intervenção dos estudos experimentais, oito utilizaram o dispositivo de grupos de três a sete crianças, dentre eles, um

abordou a questão da presença de mais de um terapeuta no setting, destacando que este que a interação entre os analistas favoreceu uma abordagem não diretiva, permitindo à criança que ela se aproxime espontaneamente, sem ser forçada a um contato que pode ser sentido como extremamente angustiante pelo autista (LUCERO et al., 2021). Um estudo foi realizado de modo individual, e quatro estudos realizaram-se por meio de revisão bibliográfica. A seguir, serão discutidos os trabalhos e seus desdobramentos clínicos, numa leitura que privilegiou encontrar as concepções de autismo, linguagem, sujeito e sintoma.

Os resultados obtidos evidenciaram a carência de pesquisas que utilizam a música como dispositivo terapêutico em terapia fonoaudiológica. Em sua maioria, os artigos descrevem os efeitos do uso da música como dispositivo terapêutico nas áreas da Psicologia, Psicanálise e Musicoterapia. Um artigo exploratório abordou o tema no âmbito da Enfermagem em um Centro de Atenção Psicossocial.

As poucas pesquisas encontradas já nos permitem identificar o modo de intervenção, bem como suas fundamentações teóricas e os diferentes efeitos do investimento sobre a linguagem de crianças com autismo.

Sob o viés da Neurociência, dois artigos abordaram o uso da música cantada como instrumento de treinamento com crianças autistas no âmbito da Musicoterapia.

Detiveram-se a descrever o processamento da música pelo sistema nervoso e as possíveis alterações anátomo-fisiológicas nas estruturas cerebrais desses sujeitos, carecendo de reflexão sobre a especificidade da linguagem, tomando esta como um instrumento subserviente ao homem para exercer seu papel social, e seu funcionamento como “Cognição Social” exercida pelas áreas cerebrais que formam o “Cérebro social”. Um dos artigos apresenta, na revisão bibliográfica, trabalhos que utilizam a música em conjunto com o método Applied Behavior Analysis - Verbal Behavior Approach (Análise Aplicada de Comportamento - Comportamento Verbal) para o treinamento de fala, partindo do modelo comportamental de Skinner (1948), que possui como principal objetivo modelar e/ou extinguir os comportamentos desviantes apresentados pela criança, concebendo a linguagem como um comportamento entre outros. Nesse contexto, os principais objetivos clínicos musicoterapêuticos possíveis

com crianças autistas apresentados pelos autores são: entrar em comunicação, partindo do nível em que a criança se encontra; desenvolver e/ou ampliar a capacidade de autoexpressão; diminuir ou extinguir comportamentos patológicos indesejáveis, tais como isolamento, hiperatividade, autoagressividade, estereotípias, tensões emocionais, desorganizações da linguagem etc.;

Essa modalidade de tratamento apoia-se nas classificações realizadas pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM - e na Classificação Internacional de Doenças- CID, instrumentos que visam identificar e classificar impasses no desenvolvimento infantil, a partir de um conjunto de sintomas. Ao classificar a manifestação da criança, esta é substituída, como afirma Vorcaro “por uma linguagem codificada que pretende transcrever a manifestação da criança” (VORCARO, 2011, p. 203), apagando o sujeito em favor da doença. Assim, os movimentos singulares na fala e a relação do falante com a linguagem são extinguidos.

Os artigos salientam que a avaliação de linguagem da criança deve ser realizada a partir de instrumentos objetivos, excluindo o caráter subjetivo, pois este implicaria nas impressões e considerações do terapeuta. Na busca pela apresentação de métodos avaliativos, um artigo aborda a metodologia de Sampaio (2002), uma abordagem aberta na qual a cada instante o musicoterapeuta deve reconhecer o contexto e avaliar quais intervenções são adequadas e necessárias para alcançar o objetivo terapêutico traçado, esperando-se, então, que tal fato resulte em condutas mais funcionais, apropriadas e efetivas. Entretanto, não se estabelece a reflexão acerca da posição do avaliador que, na busca por objetividade, interpretará os movimentos da criança. Diante disso, é possível contestar, acompanhando Arantes (2001), Andrade (2003) e Andrade et al. (2005), que a questão fundamental para o clínico é justamente instituir uma escuta<sup>13</sup> clínica que seja sensível a pontos de abertura e de resistência que aparecem na fala sintomática da criança, sempre de maneira particular, ou seja, as autoras salientam a importância de se considerar a subjetividade que atravessa a relação paciente-terapeuta, excluindo

---

<sup>13</sup> “ouvir” diz respeito à capacidade orgânica (integridade do aparato sensorial) e “escutar” é efeito que decorre da estruturação do sujeito pela linguagem, “o que conduz à inclusão do linguístico na explicação de problemas na fala e, portanto, na condução de uma Clínica de Linguagem” (ANDRADE, 2006).

qualquer método objetivo e generalista. Arantes (2003), destaca que o sintoma “não falar” expõe modos diferentes de relação dessas crianças com a linguagem, posições subjetivas singulares. Portanto, uma avaliação fonoaudiológica deve precisar em que medida um atraso de linguagem diz da condição-sujeito do paciente, e levar em conta que o “não falar” não significa estar fora da linguagem.

Assim, nos casos de crianças que apresentam impasses na aquisição de linguagem, é imperativo pensar em uma clínica de linguagem em que a articulação língua/sujeito faça presença. Andrade et al (2005) acrescentam que o clínico deve poder assumir uma posição que lhe permita escutar para falar ou para calar (frente à fala sintomática de um sujeito) para dar direção ao tratamento para que a criança possa falar e vir a se apresentar na fala. Há, assim, modos particulares de o clínico se posicionar a cada caso, por efeito do encontro sempre inusitado que a clínica promove.

Todos os estudos evidenciaram que crianças diagnosticadas com autismo apresentavam impasses significativos no laço social e questões importantes de linguagem, bem como os efeitos positivos do uso da música cantada em terapia. Os dez artigos que se desdobraram sob o viés da Psicanálise, apresentaram conceitos lacanianos para apontar a presença da musicalidade desde o início da relação mãe-bebê.

Salienta-se que a voz materna, quando dirigida ao bebê, transmite uma invocação ao *infans* que, por meio de sua ressonância e melodia, não se prende ao sentido, mas se faz essencial para que a criança advenha como sujeito. Nesse jogo, toma-se como indispensável a interpretação da mãe sobre o grito da criança como uma demanda, ou seja, atribuindo-lhe significado. Desse modo, a criança escuta e é um ser falado antes mesmo que se constitua falante.

Os artigos psicanalíticos destacam que o Outro é concebido como componente essencial no processo de constituição subjetiva do bebê. Sousa et al (2019) destacam que é possível perceber que o sujeito humano se constitui, essencialmente, no encontro com o outro, encontro que é fortemente marcado pelo ritmo da voz materna, das brincadeiras, das idas e vindas do outro, da linguagem.

No âmbito da Psicanálise, há prevalência de conceitos lacanianos, os trabalhos abordam a importância de pensar a dinâmica constitucional a partir das

duas operações psíquicas já formuladas por Freud (1925/1979) e descritas por Lacan (1964/1985), chamadas de alienação e separação, tempos lógicos de estruturação psíquica – momento mítico de um tempo que antecede a existência do sujeito do inconsciente. Afirma-se que a alienação primordial ao campo da linguagem advém da afirmação, ou seja, do "sim" concedido pelo *infans* à voz do Outro, aceitando incorporá-la (VIANA et al., 2020).

Segundo o trabalho dos autores, a criança autista utiliza o mutismo ou artifícios próprios para evitar tanto a sua própria voz quanto a do Outro, pois a problemática não é a palavra em sua materialidade, mas o desejo que carrega a demanda do Outro simbolicamente representada.

A partir disso, os trabalhos propõem um investimento possível a partir da música para esses sujeitos. Viana et al (2020), toma por base o trabalho de Vorcaro (1999) para atribuir ao terapeuta a responsabilidade de auxiliar a criança a "produzir o Real ao invés de sofrê-lo" (p. 69). Esse real pode ser construído de diversas formas, e os aspectos musicais podem ser adotados em conjunto com brincadeiras, que aponta para o que não se liga ao sentido.

Todos os trabalhos afirmam que as crianças autistas demonstram um investimento notável no domínio musical. Apresentam subsídios teóricos para atestar que a música permite um tratamento do gozo vocal, "regulando-o pelo ordenamento de signos, mas também porque o permite apagá-lo, estetizando-o. Se ela pode dar ao sujeito a possibilidade de transmitir seus afetos, é de maneira alusiva, não deixando de recusar o engajamento em uma enunciação expressiva" (MALEVAL, 2009, p. 199).

Sugere-se, então, que a música cantada pode tomar função do 'objeto de mediação', tornando possível o entrelaçamento entre o interesse do paciente e o desejo do terapeuta se guiar 'pelo' objeto, e não 'para' o objeto. O interesse da criança pela música certamente foi um facilitador no endereçamento ao e 'do' sujeito autista. Destaca-se que, quando cantamos, o real da língua é encoberto pela dimensão imaginária. O fraseado musical seria uma imaginação da voz, na qual a escansão e o corpo tendem a ser anulados. Com o fraseado musical, o autista começa a jogar com o timbre para fazer um ajuste na distância que ele deve manter do Outro.

Desse modo, o trabalho na clínica com autistas deverá seguir um modo particular de tratar o Real que o invade. Assim, o fraseado musical seria um tratamento possível à relação específica do autista à presença vocal do Outro, pois, na música, está em jogo a expressão de uma subjetividade fora da fala de quem canta. É esta disjunção radical entre o dizer e o dito que é procurado pelo autista

As propriedades musicais, como atestam as pesquisas, funcionam como um meio alternativo da criança autista “acordar”, de modo singular, para o simbólico (SOUSA et al., 2019). Este processo é fundamental para a Psicanálise, porque, como sabemos, a entrada do *infans* na estrutura simbólica é a condição necessária para que este possa habitar o mundo humano e tornar-se sujeito. A constituição subjetiva consiste na apropriação progressiva disto que vem do Outro (SOUSA et al., 2019).

Enfim, o único artigo que relatou a experiência da aplicação da música como tecnologia de cuidado a crianças autistas baseando-se na ideia de ação-reflexão-ação de Paulo Freire por meio das etapas de diagnóstico da realidade, teorização e aplicação na realidade, adotou a estratégia de intervenção em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil. Justificou-se o a adoção da música pela necessidade inventiva do trabalho da enfermagem com crianças e adolescentes em sofrimento psíquico. A intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem foi utilizada de diferentes maneiras no CAPSi, as quais incluíram desde a audição de músicas, danças de roda, até a (re)criação e composição musical (FRANZOI et al., 2016).

Os autores destacaram que a música em terapia contribuiu para melhorar a comunicação verbal e não verbal, romper com os padrões de isolamento, reduzir os comportamentos estereotipados, estimular a autoexpressão e a manifestação da subjetividade. Favoreceu e orientou, também, novas experiências lúdicas, sensoriais, motoras, de linguagem e de interação de crianças com transtorno do espectro do autismo.

## 5 – CONCLUSÃO

A partir da revisão integrativa realizada neste trabalho, a pergunta norteadora da pesquisa: “Quais os efeitos da música cantada como instrumento terapêutico sobre a linguagem de crianças com autismo?” pôde ser majoritariamente respondida na medida em que foi possível concluir que todos os artigos selecionados atestaram a potencialidade da música cantada na possibilidade de enlace e no investimento na subjetividade em crianças que apresentam um grave comprometimento no laço com o outro, como nos casos de autismo. Porém, as questões condizentes a linguagem, ponto de interesse da área da Fonoaudiologia, foram pouco desdobrados pelos trabalhos encontrados.

Apesar de evidenciar que a música cantada como instrumento terapêutico possui efeitos positivos, alguns autores salientam que não se pode depreender daí uma receita de que o uso da música é uma inovação padronizada no tratamento desses sujeitos. Para que algo ressoe no sujeito é preciso que entre na sua mesma frequência, atinja seu corpo. Desse modo, pode-se concluir que se torna inviável desenvolver métodos objetivos e generalistas a fim de se obter sucesso terapêutico com crianças autistas, pois, como foi averiguou-se, estas dispõem de subjetividade e estão na linguagem, em seu modo singular.

Frente à escassa produção científica no campo da Fonoaudiologia, faz-se necessário que sejam desenvolvidos mais trabalhos voltados para a importância da música cantada como dispositivo terapêutico com crianças autistas, em busca de atestar os diversos efeitos possíveis a serem produzidos sobre a linguagem e subjetividade desses sujeitos, e, principalmente, visando disseminar modos inovadores de cuidados que considerem a singularidade do sujeito.

Assim, em futuro trabalho de Mestrado pretendo dar continuidade à produção científica nesta temática, buscando empreender novamente uma leitura crítica da produção bibliográfica sobre o uso da música cantada como instrumento terapêutico na terapia de linguagem com crianças autistas, desta vez, em diferentes plataformas de busca, a partir de uma verticalização acerca da concepção de linguagem subjacente às produções e práticas clínicas. Viso, também, apresentar um dispositivo para o atendimento de crianças com

entraves no laço social na Clínica de Linguagem, realizando um estudo de caso, uma vez que este método permite compreender profundamente a manifestação geral de um problema em situação específica e os diversos aspectos a ela relacionados (LUDKE & ANDRÉ, 1986).

Por fim, pretendo que a contribuição de meu trabalho possa ultrapassar o universo acadêmico, e que possa produzir mudanças efetivas no atendimento de crianças diagnosticadas com autismo.

## 6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR FILHO L.D. Arteterapia, música e autismo. 2016. Monografia (especialização em Arteterapia em Educação e Saúde). Faculdade Integrada. 2016.

ANDRADE, L.; ARANTES, L. M.; LIER-DEVITTO, M. F. A clínica de linguagem com crianças que não falam: diagnóstico e direção de tratamento, em PAVONE, S.; RAFAELI, Y. Audição, voz e linguagem: a clínica e o sujeito, Cortez, São Paulo, v. 1, p. 141-150, 2005.

ANDRADE, L. Ouvir e escutar na constituição na clínica de linguagem. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

ARANTES, L. M. Diagnóstico e Clínica de Linguagem. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

ARANTES, L. A clínica psicanalítica e fonoaudiológica com crianças que não falam. Distúrbios da Comunicação, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 265-87, 2003.

AZEVEDO, M. M. P.; NICOLAU, R. F. Autismo: um modo de apresentação do sujeito na estrutura de linguagem. Rev. Estilos da Clínica, v. 22, n. 1, p. 12-28, 2017.

CATÃO I. O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo. São Paulo: Instituto Langage, 2008.

DE LEMOS, C. T. G. Interacionismo e aquisição de linguagem. DELTA, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 231-248, 1986.

DE LEMOS, C.T.G. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. Substratum. v. 1, n.1, p. 121-35, 1992.

DE LEMOS, C.T.G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. Cadernos de estudos linguísticos. v. 42, 41-70, 2002.

DE LEMOS, C.T.G. Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição de Linguagem. Em: LIER-DeVITTO, MF & ARANTES, L. (org.) Aquisição. Patologias e Clínica de Linguagem. São Paulo, EDUC/FAPESP, 2006

DE LEMOS, C.T.G. Patologias de Linguagem: sobre as vicissitudes de falas sintomáticas. In: LIER-DE VITTO, M. F, ARANTES, L. (organizadoras). Aquisição, Patologia e Clínica de Linguagem. São Paulo: EDUC, p.183-200, 2007.

FONTEERRADA, Marisa T. de Oliveira. Linguagem verbal e linguagem musical. Cadernos de Estudo: Educação Musical 4/5. São Paulo: Atravez - Associação Artístico Cultural. Novembro, 1994. Não paginado.

FRANZOI, M. A. H.; SANTOS, J. L. G.; BACKES, V. M. S.; RAMOS, F. R. S. Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. Rev. Texto contexto - Enferm, Santa Catarina, v.25, n. 1, 2016.

FREUD, S. La negación. In S. Freud. Edição Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1979. (Obra original publicada em 1925).

GODEGUEZI V.M. Manhês, acalanto e desenvolvimento humano: um estudo psicanalítico sobre o estabelecimento das relações objetais através dos elementos sonoro-musicais. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia, UENSP, 2021.

GÜNTHER, H. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? Ver. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.

KRIPKA, R. M. L.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. Rev. Atas, Rio do Sul, v. 2, p. 243-247, 2015.

LACAN, J. O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1985 (Obra original publicada em 1964).

LAZNIK, M. C.; MAESTRO, F.; MURATORI, F.; PARLATO, E. Interações sonoras entre bebês que se tornaram autistas e seus pais. An. Col. franco-brasileiro sobre a clínica com bebês, 2005.

LAZNIK, M.C. A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito. Álgama, Salvador, 2004.

LIER-DEVITTO, M. F.; ARANTES, L. M. G. (Orgs.) Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem. EDUC/FAPESP, São Paulo, p. 21-32, 2006.

LIER-DEVITTO, M. F. Sobre o sintoma: efeito da fala no outro, déficit de linguagem, ou ainda. Letras de Hoje. 36 (3), 245-252. 2001

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica Rev. Katál., Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007.

LUCERO A.; VIVÈS J.M.; ROS F.S.; A função constitutiva da voz e o poder da música no tratamento do autismo. Psicol. Estud, v. 26 n. e, p 48-54. 2021

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. Editora Pedagógica e Universitária, São Paulo, p. 99, 1986.

MALEVAL, J.C. L'autiste e sa voix. Paris: Seuil, 2009.

MENDES K.D.S.; SILVEIRA R.C.C.P.; GALVÃO C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto contexto – enferm, v. 17, n. 4, p 758-64. 2008.

MORO, M. P. O brincar, a interação dialógica e o circuito pulsional da voz na terapia fonoaudiológica de crianças do espectro autístico. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

PEREIRA, F.K. A música, linguagem tradutora: a Nota Azul e outros matizes. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SAMPAIO, R. Novas Perspectivas de Comunicação em Musicoterapia Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

SKINNER, B. F. Verbal behavior: William James lectures. Cambridge, Massachusetts, 1948.

SOUSA, K.G.P.; TAVARES, A.A.; SOARES-VASQUES, J.M.; SILVA, M.S.; RODRIGUES, S.; BATISTA, M.; PRAZERES, A. “Acordar” para o simbólico: uma investigação psicanalítica sobre os efeitos de um ateliê musical para crianças com transtornos globais do desenvolvimento (TGD). Rev. Ágora, v. 22, n. 1, p31-40, 2019.

VIANA, B.A.; BRITO, K.M.; FURTADO, L.A.R. Sobre o que Ressoa e Faz Eco: Voz, Música e Língua no Tratamento do Autismo. Estud. pesquis. psicol., Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 613-629, 2020.

VIVES, J. M. Para introduzir a questão da pulsão invocante. Rev. latinoam. psicopatol. Fundam., São Paulo, v. 12, n. 2, p. 329-341, 2009.

VORCARO, A. A clínica psicanalítica e fonoaudiológica com crianças que não falam. In: PAVONE, S., RAFAELI, Y. M. (orgs.). Audição, voz e linguagem: a clínica e o sujeito. São Paulo: Cortez, p. 80-99, 2005.

VORCARO, A. O efeito bumerangue da classificação psicopatológica da infância. In: JERUSALINSKY, A.; FENDRIK, S. (Org.) O livro negro da psicopatologia contemporânea. São Paulo: Via Lettera, 2011. p. 219-29.

VORCARO, A. M. R. Transferência e interpretação na clínica com crianças autistas e psicóticas. Estilos da Clínica, São Paulo, v. 4, n. 7, p. 52-72, 1999.